

COMUNICAÇÃO E CONDIVISÃO

Buscar a verdade para compartilhá-la

“O que é a verdade?”. É a pergunta de Pilatos a Jesus que diz: “... vim ao mundo para dar testemunho da verdade” (Jo 18, 37-38). Pilatos, porém, não espera pela resposta, ficamos sem uma definição da verdade, a qual estamos buscando e que se torna cada vez mais difícil conhecer. A verdade, em sua essência objetiva e na sua projeção atual, mediante os meios de comunicação, é o tema escolhido pelo papa Bento XVI para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais de 2008. O tema ecoa como um convite: “*Buscar a verdade para compartilhá-la*”. A mensagem publicada no fim de janeiro nos oferece preciosos estímulos para colocar-nos, de fato, a serviço da verdade.

Atualmente, a verdade é muitas vezes injuriada e vem proposta de múltiplas formas, e aumenta cada vez mais a dificuldade de reconhecê-la. Além do mais, a nossa época é influenciada por uma explosão massiva da ciência em vista da técnica que engendrou uma concepção pragmática do que é verdadeiro. E ainda: a proliferação das ideologias, que absolutizam verdades parciais ou simples aspectos, exacerbam a questão da verdade e sobre ela apresentam visões fragmentadas e não raras vezes distorcidas.

Em primeiro plano, é importante chegar a um acordo sobre o significado da palavra “verdade”. O filósofo Emanuele Severino escreveu que a verificação do significado dessa palavra constitui a mais extraordinária aventura que o homem já foi capaz de levar a termo. “Antes de conquistar os planetas, antes de conquistar o centro da terra, antes de dominar as civilizações, faz-se indispensável aquela aventura que consiste em poder conhecer alguma coisa que, de forma alguma possa ser negada. Daí por que pensamos na evocação exaurida pelos gregos: a verdade como absolutamente *inegável*, mas inegável de tal modo que nem a mudança de época, nem a mudança de cultura, nem homens, nem deuses a poderão mudar. Nem mesmo o Deus onipotente pode mudar o conteúdo da verdade”. Onde procurar a verdade? Antes de tudo, a verdade tem de ser procurada dentro de nós. Na nossa vida. Procurando-a descobriremos os significados profundos do nosso ser. Mas essa busca pode encerrar o cansaço de uma longa caminhada para chegar a bater à porta da verdade e começar a entrevistá-la com mais clareza e descobrir que sempre ela esteve em nós, mas só se soubermos questionar-nos sem hipocrisia e sem adulterações.

Para aquele que crê, a verdade não tem verossimilhança com um simples conceito ou com uma visão filosófica da vida, mas ela está encarnada, e representada diretamente por uma *pessoa*: Jesus Cristo. Nele a verdade-fidelidade de Deus se fez presente da maneira mais eminente. Jesus, “cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14); é testemunha da verdade (Jo 18, 37); Nele está a verdade (Ef 4, 21); ele mesmo é a verdade (Jo 14, 6).

Jesus, palavra viva, plenitude de verdade, é a possibilidade nova, suprema e última dada por Deus ao homem, de reconhecer como verdadeiro, isto é, de dar sentido à sua vida. Na transformação histórica da verdade, contando com estruturas simbólicas e preconcebidos culturais em seu vir-a-ser, Cristo é o ponto de referência, a verdade por inteiro, que liberta e santifica o homem que se abre para ele ao escutá-lo e ao aderir a ele na fé, e o torna capaz de caminhar na senda da verdade e de compartilhar a verdade na caridade. Mediante a palavra, a verdade atravessa o espaço e o tempo e se faz presente, convincente e operante. Para ser humana, criativa, quer dizer, de uma comunidade humanizante, a comunicação deve vir embalada na verdade: deve ser dom e intercâmbio de verdade, bem distante de qualquer forma de manipulação. A palavra fiel à verdade que está em nós e que encontra em Cristo a inspiração mais autêntica oferece-nos possibilidades inexploradas e cheias de promessas para a partilha da verdade e o crescimento humano e cristão em qualquer ambiente em que vivamos, nos comuniquemos e amemos.

Dar voz ... a todos

Comemora-se neste ano de 2008 o 60º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. É uma comemoração fundamental na história da comunidade internacional e não pode resumir-se a uma simples comemoração, mas deve levar a uma reflexão mais aprofundada e também a uma análise do estado atual da promoção e da proteção dos direitos humanos pelo mundo. Deve, ainda, favorecer ulteriores avanços no reconhecimento e na tutela desses direitos, intensificando a informação e a educação neste campo e implementando ações concretas com o envolvimento das instituições públicas, políticas e culturais, dos órgãos de informação e de comunicação, das escolas e da sociedade civil.

Dentro de um mundo cada vez mais globalizado, muitas vezes nos perguntamos para qual futuro estamos nos encaminhando. E, afinal, a globalização é um bem ou um mal? Ela representa a promessa de maior liberdade e bem-estar para os cidadãos de todo o mundo, ou constitui um perigo porque favorece uma homogeneização cultural, a homologação consumista, a morte das diversidades culturais, da identidade dos povos e da riqueza das tradições locais? O papa, já mais de uma vez, expressou a sua preocupação pessoal diante da globalização não bem conduzida, que inevitavelmente acaba trazendo vantagem para poucos, em detrimento dos pobres, e ele, em diversas ocasiões, já alertou para o risco de a humanidade perder o direito de construir “uma nova ordem mundial política e econômica” e um “novo humanismo”.

É importante compreender e ajudar a compreender que temos um destino comum. A globalização – quer na linha do bem, quer na linha do mal – fez com que nos tornássemos uma vila global, mas não contribuiu para tornar o mundo mais solidário. A insegurança e a incerteza elevadas à categoria de sistema de vida podem levar a uma desagregação individual, familiar, religiosa e social. Faz-se necessário um novo pensamento amplo sobre os nossos modelos de comunicação. A informação deve ter a coragem de ir além da notícia, de aprofundar, de observar o que se passa nos bastidores, a fim de oferecer ao povo a possibilidade de ser o mais objetivo possível nas avaliações que é capaz de fazer.

O que importa de fato é dar visibilidade aos temas da paz, da justiça social, da liberdade de expressão humana e religiosa. Os meios de comunicação, os seus homens de operação e todos aqueles que se valem de sua profissão para se comunicar, devem esforçar-se ao máximo para dar um justo valor e merecido destaque a tantas histórias de pessoas, de nações e de culturas e movimentos, que há muito tempo estão em atividade para a mudança e um renascer. Fazer escolhas justas e conscientes, fruto de um trabalho e de um estilo de vida sóbrio, solidário, altruísta, atento às exigências do próximo, longe da dissipação, das tendências e dos modismos, bem como dos ídolos do momento. Propor conteúdos e programas por meio dos diversos veículos de comunicação, que atribuam o justo valor aos grandes ideais da paz e da solidariedade.

É importante dar vez a quem não tem voz, pôr em destaque a dignidade e a proteção do ser humano e, conseqüentemente, a defesa dos direitos, a rejeição de toda forma de violência, de abuso, de estupro, de injustiça, de máfia e de guerra; dar espaço aos jovens e deixar que se tornem protagonistas em áreas importantes, premiar a defesa de descobertas novas, promover projetos e programas alternativos. Oferecer possibilidade de expressão a um novo pensamento que surge, mas também ao povo comum, às mulheres, freqüentemente vítimas de abusos, emprestar voz às suas esperanças, à sua dor, ao bem praticado, às inquietações, à solidão... Praticamente a tudo e a todos, sem jamais esquecer de dar vez à voz do Cristo, “com clareza e com alegria, com fé, esperança e amor”. É Ele que pode iluminar o futuro do mundo.

Os meios de comunicação social ou técnicas de compartilhamento

Não é nenhuma novidade dizer que a Internet está evoluindo cada vez mais rápido, transformando-se em ponto de partida relacional. O número de usuários em rede está crescendo por toda parte do mundo e estão se multiplicando as oportunidades para atingir também as camadas mais desprovidas por meio de ferramentas cada vez mais condizentes com o que já está disponível para muitos. A verdadeira mudança, porém, não está ocorrendo apenas no âmbito da tecnologia, mas também no uso que dela se faz e da sua interpretação.

Por meio da Internet, muitos usuários interagem a ponto de criar novas redes, quase que estabelecendo um network [rede] social que possibilita o emergir novo conhecimento e se pode reconhecer como fruto de uma emergente inteligência coletiva. Nos últimos anos, entre o crepúsculo do século passado e o início deste, um número cada vez maior de navegadores em rede adquiriu familiaridade com a nova linguagem e com os próprios conteúdos digitais, aprendendo a servir-se das novas tecnologias de mensagística, órgãos de pesquisa, sistemas de obtenção de dados, fórum, blog, wiki, podcast, site para intercâmbio de fotografias, vídeo ou bookmark, etc. aprendeu-se a produzir e compartilhar conteúdos, opiniões, intuições e experiências, bem como perspectivas; tudo isso também se tornou parte de suas vidas; passou-se a experimentar novas formas de participação, a criar grupos sociais baseados na afinidade de gostos, interesses e objetivos. Trata-se de pessoas comuns, não de técnicos ou de profissionais especialistas, que usufruem dessas técnicas e distribuem conteúdos relativos aos próprios interesses ou à própria vida. E não há só essa conexão por meio do computador ligado à rede, mas também por meio do celular, que se torna cada vez mais sofisticado. E acontece também com máquinas fotográficas e por videocâmeras digitais, ipod para registrar sons e tudo isso pode servir para fornecer material a ser compartilhado.

Escreve Antonio Spadaro (*Civiltà cattolica*, q. 3776): “A Internet não é mais um aglomerado de sites de redes isoladas e independentes entre si, ainda que conectadas e postas em rede, mas há de se considerar como o conjunto das capacidades tecnológicas obtidas pelo ser humano no âmbito da difusão e do compartilhamento da informação e do saber”. E tudo isso dá a possibilidade de experimentar novas formas de contato, de relações e de expressão individual e coletiva, não obstante os riscos de alienação que, apesar de tudo, permanecem e que podem se tornar uma cilada para navegadores menos avisados ou não seriamente empenhados a dar um suporte construtivo. Por exemplo, pode acontecer, na implantação de blogs para simples entretenimento, que parecem criados para “falar pelas costas”, não atingirem outro objetivo senão o de preencher um espaço de tempo que poderia ser empregado de maneira mais proveitosa.

Estamos convencidas de que a mudança do mundo dos meios de comunicação não é gerada por eles, mas por seus usuários e pelo contexto em que eles se mobilizam, pela capacidade de filtrar, de selecionar, de compartilhar e de gerir com inteligência e bom senso tudo quanto está sendo oferecido ao nosso conhecimento e à nossa capacidade de valorização. O desejo assim difuso de compartilhar, como de criar uma “rede social”, não pode deixar de nos fazer refletir e, portanto, questionar-nos como pessoas e apóstolas da comunicação. A educação, a fé e a religiosidade, com todas as implicações que em si encerram, não podem estar ausentes desses espaços a serem divididos.

É importante para todos os operadores da comunicação individualizar e valorizar iniciativas apostólicas “em rede” para abrir novos horizontes pastorais. É certamente pode ser útil abrir novos sites e talvez também criar blogs, estimular a instalação de “comunidade” mais ou menos virtual. Porém, é necessário que sejam bem estruturadas, que no centro de tudo esteja a pessoa e a mensagem cristã que queremos passar adiante, para que à nossa sociedade, já tão confusa e muitas vezes desapontada, seja levado um pouco de luz, oferecendo e direcionando para conteúdos verdadeiramente formativos, e convidar a descobrir o rosto de Cristo, a sua presença ao nosso lado como companheiro, para que nasçam gestos de paz, de solidariedade e germine em todos um desejo profundo de salvação e de uma alegria interior em poder partilhar tudo isso.

Sr. M. Agnes Quaglioni, fsp